

Identidades e representações juvenis: interações sociais e criação de sentidos nas mídias

Rosana de Lima Soares

BORELLI, Silvia H. S. & FREIRE FILHO, João
(2008). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 331pp.



Resumo: Em uma sociedade que hipervaloriza as novidades, torna-se fundamental compreender o conceito de juventude de modo ampliado. Esta resenha apresenta os principais aspectos abordados nos artigos da coletânea “Culturas juvenis, no século XXI”, apontando para os pontos comuns e as singularidades trazidas por cada autor. Temática central em pesquisas atuais nas interfaces entre comunicação e cultura, a questão da juventude configura uma problemática complexa: afinal, quem são os jovens imersos na contemporaneidade, com suas novidades tecnológicas, apelos ao consumo, desafios cotidianos e vivências cada vez mais multifacetadas

Palavras chave: Culturas juvenis; juventude; etnografia; antropologia; comunicação.

Abstract: *Youthful identities and representations: social interactions and creation of meanings in the media.* In a society that hypervalues novelties, it is crucial to understand the concept of youth from a broader standpoint. This review presents the main aspects discussed in the articles of the book “Culturas juvenis no século XXI” (*Youth cultures in the 21st century*), pinpointing the shared points and the singularities each author presents. Youth – the main theme of current research at the interface between communication and culture – is a complex issue: after all, who are the young people immersed in today’s culture and the new media, with its technological novelties, calls to consumption, daily challenges and increasingly multifaceted experiences?

Keywords: youth cultures; youth; ethnography; anthropology; communication

Temática central em pesquisas atuais nas interfaces entre comunicação e cultura, a questão da juventude configura uma problemática complexa: afinal, quem são os jovens imersos na contemporaneidade, com suas novidades tecnológicas, apelos ao consumo, desafios cotidianos e vivências cada vez mais multifacetadas? Como entender e estender o conceito de juventude numa sociedade que hipervaloriza as novidades e a elas atribui valores sempre eufóricos? Quem são, o que pensam e para onde se voltam, afinal, os jovens contemporâneos?

No recente livro lançado pela editora da PUC-SP, a coletânea de artigos apresenta uma certa demarcação de problemas e um singular deslocamento de questões relativas às culturas juvenis contemporâneas. Lembremos, com Gilles Deleuze, a distinção estabelecida para os termos: os *problemas* corresponderiam à própria organização das séries da realidade (constituídas a partir do disfarce de seus termos e relações), e as *questões* corresponderiam ao deslocamento efetuado nas séries (deslocamento do objeto virtual em função do qual as séries se desenvolvem).

Ao propor um conceito mais amplo de “culturas juvenis” a fim de abarcar, de modo ao mesmo tempo indissociável e autônomo, aspectos voltados para formas de representação nas mídias, estabelecimento de plataformas culturais próprias, relações com cenários urbanos e aparatos tecnológicos, possibilidades de sociabilidade e interação, temos em *Culturas juvenis no século XXI* uma possibilidade na qual situar as os problemas relativos às imbricações entre cultura, comunicação e juventude, trazendo por meio dos temas tratados não necessariamente respostas apaziguadoras mas, ao contrário, lançando ainda outras questões.

Resultado de um esforço por reunir, em uma única publicação, as pesquisas desenvolvidas por integrantes dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP e em Comunicação e Cultura da UFRJ, a coletânea apresenta artigos cujos autores têm em comum não apenas perspectivas metodológicas e preocupações teóricas como também sua participação no núcleo de pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação – Intercom) e no grupo de trabalho Comunicação e Sociabilidade (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós).

Como lemos na abertura do livro, escrita por Jesús Martín-Barbero, professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Javeriana (Bogotá, Colômbia), ao falar do momento em que, em meados dos anos 90, realizou pela primeira vez uma reflexão sobre o significado do jovem na contemporaneidade, que se apresentava como um “*desordenamento* cultural observável, especialmente, a partir de dois ângulos: da defasagem da escola em relação ao modelo social de comunicação que foi introduzido pelos meios audiovisuais e pelas ‘novas’ tecnologias; e da emergência de novas *sensibilidades*, nas quais se encarnavam, de forma ‘precipitada’ e desconcertante, alguns dos traços mais fortes da mudança de época”.

A questão do “protagonismo juvenil”, notada de forma evidente por Martín-Barbero naquele momento, ainda é traço marcante das culturais juvenis nesta primeira década do século 21. Com abordagem diversa e original, o livro organizado por Silvia Borelli, professora e pesquisadora em ciências sociais na PUC-SP, e João Freire, professor e pesquisador em comunicação na UFRJ, apresenta possibilidades de aproximação à temática destacada não apenas por Martín-Barbero em seu texto, mas também aquela apontada por Guillermo Orozco Gómez na orelha da obra, quando afirma que “são os jovens, pela primeira vez em muito tempo, os verdadeiros protagonistas de uma transformação comunicacional múltipla nas formas de conhecer, ser e estar e, conseqüentemente, nos usos da informação e na incorporação e criação de códigos, formatos e linguagens diversos que superam, pelos diferentes sentidos corporais, os cânones tradicionais de nomear, narrar, argumentar, desfrutar”.

Ao enfatizar o protagonismo juvenil como *protagonismo cultural*, apontando para o profícuo campo de pesquisas sociais sobre jovens, os artigos reunidos neste livro demonstram, ainda, um paradoxo freqüente nas pesquisas: objetos e sujeitos de seu tempo, os jovens apresentam-se, mais do que outros atores, como integrantes de uma rede social marcada por tensões entre o público e o privado, a norma e o desvio, o controle e a criação, a rigidez e o nomadismo, o local e o global, a conservação e a transformação.

O livro, dividido em duas partes – a primeira tratando dos chamados “retratos da nova geração” apresentados pelas mídias e das percepções dos jovens sobre tais representações, e a segunda trazendo análises de variados aspectos do “circuito de produção e apropriação cultural juvenil” – reúne, além do texto de Martín-Barbero, dois artigos redigidos pelos organizadores e outras treze contribuições de pesquisadores de diferentes instituições de ensino e regiões do país. No artigo de João Freire Filho são apresentados “retratos midiáticos” de jovens e adolescentes brasileiros, apontando para os processos de construção de identidades pressupostos nessas formas de representação. De modo correlato, Silvia Borelli aborda os “cenários juvenis” enfatizando a relação entre as condições de vida dos jovens na contemporaneidade e um processo crescente de “juvenilização da cultura”.

Agrupados por objetos empíricos semelhantes, ainda que realizando suas aproximações a ele de modo variado em termos conceituais, os textos de Ângela Prysthon, Veneza Ronsini, Rose Rocha & Josimey Silva e Marcos Lara abordam aspectos relativos às formas de representação dos jovens presentes nas mídias, sobretudo no cinema e na televisão, e os desdobramentos desses modos de representação juvenil sob a perspectiva do consumo cultural. Nesse sentido, os artigos de Fernanda Eugenio & João Lemos, bem como aqueles escritos por Simone Sá, Marcelo Garson & Lucas Waltenberg, Micael Herschmann & Tatiana Galvão, Marianna Araújo & Eduardo Coutinho tratam de questões fundamentais para a compreensão dessas culturas juvenis: os cenários da música eletrônica e da cultura hip hop tornam-se espaços privilegiados para pensar os lugares de fala dos jovens em contextos urbanos. Rita de Cássia Oliveira, Janice Caiafa & Rachel Sodré, por sua vez, tratam de

aspectos da apropriação contemporânea juvenil por meio da produção de pixadores em São Paulo e grafiteiros no Rio de Janeiro.

Os três artigos que encerram a coletânea distribuem-se entre objetos voltados para a cultura contemporânea em suas injunções com as tecnologias de comunicação e informação. Sem dúvida, quando pensadas em relação aos jovens, as tecnologias ocupam lugar central não apenas nas pesquisas, mas também nos modos de existir (simbólica ou concretamente) dessas gerações, impregnadas que estão – com maneiras exacerbadas de adesão ou formas discretas de resistência – pelos sempre novos e infundáveis aparatos técnico-tecnológicos. Os textos de Adriana Amaral & Renata Duarte, Mayka Castellano e Sandra Silva tratam de modos digitais de sociabilidade por meio de comunidades virtuais, produções audiovisuais e contatos interpessoais, respectivamente, seja por meio da internet ou do uso de aparelhos celulares.

Se tomarmos os eixos articuladores dos artigos – modos de representação e construção de identidades, formas de expressão musical e de produção cultural, construção de sociabilidades por meio de interações digitais – teremos um quadro complexo e polêmico das culturas juvenis não apenas como possibilidades de reflexão teórico-metodológicas, mas também como elementos articuladores fundamentais das sociedades contemporâneas.

Para além da problemática suscitada – e retomamos a distinção feita por Gilles Deleuze entre problemas e questões –, temos nesta coletânea a colocação de desafios para nosso tempo: a necessidade de uma “objetividade engajada” (para usar expressão proposta por Boaventura de Sousa Santos em seu livro *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*) como forma de evitar, ao mesmo tempo, o subjetivismo e a falsa visão da neutralidade das teorias. Comprometidos que estão com a construção do *novo* a partir do já existente, os sujeitos presentes no livro, tanto os personagens jovens retratados, quanto os autores que são também atores sociais implicados em suas questões, reintroduzem na cena acadêmica a reiterada indagação sobre as relações indissociáveis entre teoria e prática, os aspectos epistemológicos colocados pelos objetos empíricos e a possibilidade de pensamento que só pode surgir das teorias quando chamadas a interferir nesses objetos.

Como nas palavras finais do texto de Martín-Barbero, acreditamos que há, na juventude contemporânea, “o exercício de um especial saber proveniente de uma *experiência sensorial* – os modos como os jovens habitam o território e suas memórias – e de uma competência coletiva que é capaz de tornar visível a geografia da memória coletiva; e, ainda, capaz de assinalar sua temperatura no termômetro das violências e dos gostos, especialmente as sonoridades, os cheiros e os sabores”. De forma não totalizante, é na perspectiva de compreensão das culturas juvenis que este livro se apresenta, deixando entreaberta a possibilidade de que outras narrativas possam ser a ele reunidas, incansáveis como a própria dinâmica de descanso e deslocamento sugerida por seus protagonistas.

Referências

DELEUZE, Gilles (1988). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.

ROSANA SOARES é professora da ECA-USP.

rosanasoares@gmail.com